

Entrevista com o Prof. Dr. LAURO FREDERICO BARBOSA DA SILVEIRA

Entrevistador: Gilberto César Lopes Rodrigues

Um dos objetivos da revista eletrônica *Kínesis* é apresentar pesquisadores que tenham seu nome vinculado a pesquisas sobre temas filosóficos contemporâneos. Para abrilhantar a edição inaugural e especial da revista *Kínesis*, apresentamos uma entrevista com um dos professores que, além de pesquisar temas filosóficos contemporâneos, fortemente trabalhou para a instalação do programa de pós-graduação em Filosofia na Faculdade de Filosofia e Ciências do campus da UNESP de Marília.

Como é difícil escrever sobre pessoas que admiramos e respeitamos sem incorrerem em adoçamentos demasiados, tomaremos o texto que o próprio professor Lauro Frederico Barbosa da Silveira apresenta na página inicial de seu currículo *lattes* no portal CNPQ para apresentá-lo. Segundo o texto, sua trajetória consiste em: *“Graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1969) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1974). Experiência na área de Direito, com ênfase em Semiótica Jurídica. Pesquisa semiótica em Medicina e em Psicanálise, com ênfase nas relações médico-paciente e analista-analisando. Extensão para a semiótica da aprendizagem e as relações professor-alunos. Estudo sobre a significação semiótica da produção de sinais entre peixes elétricos na bacia amazônica, atuando principalmente nos seguintes temas: semiótica, interpretante, signo, hábito”*.

Porém, quem o conhece sabe que o texto acima reflete de maneira bastante simplificada sua trajetória acadêmica.

Atualmente o professor encontra-se em intensa atividade acadêmica e de pesquisa, por isso, a entrevista foi realizada via email.

A entrevista segue a seguinte estrutura: inicialmente abordarmos os motivos pelos quais decidiu estudar filosofia e a importância desta decisão para sua vida pessoal e intelectual; em seguida passamos por temas importantes do conhecimento que influenciaram sua trajetória intelectual para, finalmente, abordarmos a história de formação do programa de pós-graduação em filosofia da Unesp de Marília.

Kínesis: *Prof. Lauro, por que decidiu estudar Filosofia? Como foi o processo de escolha?*

Lauro Frederico Barbosa da Silveira: Minha escolha para estudar filosofia se insere em dois círculos de diâmetros bem diversos: um deles, bem mais curto, diria respeito a uma decisão particular ocorrida em 1966 de prestar exame vestibular para o curso de graduação em filosofia da Universidade de São Paulo. Tinha terminado os cursos de Filosofia e de Teologia do Estudo Geral da Ordem Dominicana em São Paulo e tirado o grau de Leitor em Teologia e a licença em Teologia pela PUC-SP, equivalente ao Mestrado nas nossas universidades. Como já vinha me dedicando ao estudo da Filosofia Moderna, especialmente o pensamento de Kant, julguei conveniente completar meus estudos em nível de graduação no melhor centro de estudos daquela filosofia. Após quatro anos tirei o bacharelado e a licenciatura, pedi a equivalência do título de Mestre em Teologia e me inscrevi, ainda no regime antigo, para o doutorado em Filosofia, o qual eu obtive em maio de 1974.

O outro círculo é muito mais amplo, me parece muito mais importante, inclusive, por envolver aquele círculo mais estreito de minha formação acadêmica. Diria que ele começa aos meus onze anos de idade diante de dois acontecimentos que me foram muito marcantes. Este círculo não se fechou até hoje e, creio, enquanto viver, não se fechará, mas somente vai se ampliando cada vez mais.

Os dois fatos foram os seguintes: com aquela idade fiquei sabendo que um primo, médico otorrino e oftalmologista, viúvo há pouco tempo, tinha dois filhos pequenos. Uma noite, sua filha, devido a uma grave doença naquela época ainda muito comum – a difteria – teve um espasmo da glote que, no caso, interrompia toda a respiração e levava à morte caso não houvesse uma intervenção cirúrgica urgente que abrisse a traquéia e permitisse que entrasse diretamente o ar nos brônquios. Meu primo acorda com o barulho do espasmo, toma um bisturi e faz a incisão necessária na filha, esta ainda em sua cama. Daí a leva ao hospital e terminam os procedimentos necessários. Durante o sono, praticamente, meu primo ouviu o som, fez o diagnóstico e tomou a resolução de proceder de modo inusitado mas absolutamente necessário à cirurgia. Jamais faria isto em uma situação normal sendo o pai, e estando fora das condições hospitalares necessárias. Por outro lado, sabia proceder em situações normais. A seguinte questão se colocou para mim e permanece como guia de todas as minhas investigações: “como se decide? Como interferem nossos conhecimentos, nas decisões que tomamos? O núcleo básico da decisão pode ser inconsciente? Qual é a distância entre conhecimento, ponderação e decisão? No que o ensino e a aprendizagem, colaboram para as tomadas de decisão?”. Passei, creio, o resto de minha vida e até hoje procurando observar, talvez um dia entender, mas ao menos vivenciar as decisões que, nas mais diversas esferas e situações nós as tomamos.

Deixo, por enquanto, de lado o relato dos diversos caminhos que venho percorrendo em busca de algum entendimento sobre a questão, para narrar

rapidamente aquele outro acontecimento que, com a mesma idade também me marcou profundamente: estávamos nos anos de 1948 ou 49 e fazia pouco tempo que tinha sido inaugurado, ainda num prédio no centro da cidade de São Paulo, onde eu vivia, o Museu de Arte de São Paulo. Meu pai me levou uma tarde para conhecê-lo: aquela bela coleção de obras de pintura e escultura de diversos artistas de diversos momentos da história, muito me impressionou. Ficou especialmente marcada em minha memória a tela de Monet, intitulada “A Ponte”. Nunca mais eu abandonei meu gosto e meus estudos de arte e de sua história. A arte em seu significado estético, histórico e social tornou-se um tema de meus estudos e de meus encantos. No final do Colegial, comecei a freqüentar a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, convivi com os arquitetos e seus estudantes e, freqüentemente, lá voltava e me perguntava como se criava um espaço para os homens. Desenhei muito, fiz gravura, dirigi durante anos grupos de visitas às bienais, passei um tempo em Ouro Preto vendo o barroco brasileiro e acompanhando o trabalho de restauro de algumas igrejas. Dei curso de história da arte, e escolhi como tema de minha tese de doutorado na obra teórica de um dos maiores sociólogos da arte – Pierre Francastel – aspectos epistemológicos do pensamento deste autor. Foram anos de convívio com a produção artística especialmente do Renascimento florentino. Quando tive oportunidade de ir à Europa, fui ver entre a múltiplas obras, aquelas dos impressionistas e, especialmente, as outras Pontes de Monet. Para mim, no entanto, nenhuma tirou de seu lugar único aquela ponte que vi pela primeira vez aos onze anos e que voltei a ver inúmeras vezes, voltando a vê-la sempre que vou ao MASP em S.Paulo.

Perseguindo a questão das condições concretamente envolvidas nas tomadas de decisão, uma nova etapa de meus estudos se abriu com a vinda em 1975 para o interior do Estado de S. Paulo. Em Assis, antes da transferência do curso de Filosofia para Marília, comecei o estudo sistemático da obra de Peirce, estudo que prossegue até hoje. Encontrei na filosofia de Peirce, na lógica dos relativos, na Semiótica e, atualmente, na teoria dos Grafos Existenciais, um arcabouço formal que cerca a questão da decisão de tal modo, a ponto de mostrar o que a mediação do raciocínio pode produzir e aquilo que somente a decisão da vontade polarizada pelos fins pode efetivar.

Não se restringiu, porém, ao estudo teórico de natureza eminentemente filosófica, meu empenho em me aprofundar naquela questão que norteou minha indagação. Vindo para Marília, tive ocasião não somente de encontrar colegas com quem trabalhasse com mais precisão as questões formais que necessitava, como foram os memoráveis três anos de estudo da Teoria da Computabilidade, como de acompanhar durante vários anos as discussões públicas de levantamento de hipóteses diagnósticas do departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de Marília.

As decisões médicas expostas e discutidas, os diversos estudos complementares e visitas clínicas na enfermaria trouxeram-me complementos fundamentais para vivenciar e, de algum modo, avaliar as questões de formação de diagnóstico e determinação de condutas clínicas. Aprendia-se a tomar decisões de tão grande gravidade, não só com a busca de fundamentos

teóricos, mas com a sincera discussão de como proceder diante dos casos clínicos. O exemplo exigente dos mais velhos, a coragem de expor os erros e procurar corrigi-los, a formação de um hábito de ouvir a história do paciente, de examinar com cuidado e sensibilidade o enfermo, de recorrer à literatura e de decidir correndo riscos mas cercando de tal modo a decisão tomada que, caso estivesse errada, pudesse de pronto ser corrigida, forneceram-me uma dimensão muito mais concreta da questão que eu perseguia .

Esta complementação na área da saúde veio depois se desenvolver – e isto se faz até hoje – junto aos psicanalistas do Núcleo de Psicanálise de Marília e Região. Mais leituras, mais conversas e mais acompanhamento de casos, de cursos e encontros. O trabalho junto com o belo grupo de profissionais de diversas áreas da assessoria à Petrobrás na busca de preservação de integridade da bacia amazônica que também vem se desenvolvendo há vários anos, tem em muito colaborado para estender meu horizonte sobre nossas responsabilidades e da razão de ter decidido dedicar-me ao diálogo com os homens e com toda a natureza, e com eles compartilhar de suas decisões.

Com isto, creio ter podido dizer um pouco porque venho há anos procurando estudar filosofia e refletir sobre as decisões que, a cada dia, devemos tomar.

Kínesis: *no seu relato, o entendimento muito comum contemporaneamente, segundo o qual, a Filosofia é um conjunto de conhecimentos desconectados da realidade ou mesmo da prática se esvazia. No seu caso, é notável como a Filosofia está intrinsecamente conectada à prática, uma vez que foi por meio dela que encontrou subsídios para lidar com a questão fundamental de sua vida: o processo de decisão. Neste sentido, o que podemos dizer sobre a importância da Filosofia para a ‘vida prática’ ou ‘vida cotidiana’?*

L.F.B.S: É muito interessante procurar esclarecer as possíveis relações entre filosofia e a vida cotidiana. Para isto, vou considerar uma distinção muito antiga, vinda, no mínimo, dos pensadores medievais entre uma lógica útil para a vida e da qual todos nós participamos para resolver problemas diários, e aquela que nos cabe estudá-la. Por exemplo, olho para o céu, vejo nuvens carregadas e concluo que provavelmente irá chover. Aí me lembro que deixei roupas estendidas no varal e, concluo novamente, que é melhor recolhê-las antes que chova etc. A outra é uma lógica sistemática, abstrata que se ensina nos cursos de filosofia. Por exemplo:

$$\begin{array}{c} P \rightarrow (Q \rightarrow R) \\ P \\ \therefore R \end{array}$$

Aquilo que é válido para a lógica, ou seja, nossos pensamentos abstratos e sistemáticos generalizam, mas não substituem a presença de um pensamento vivido no dia a dia, vale para toda teoria. O pensamento cotidiano é inerente à própria vida e absolutamente necessário para que ela tenha lugar. Todo ser vivo, portanto, pensa! O instinto, diria mais ainda, é pensamento incorporado no ser vivo, inclusive em nós.

O que teorizamos, por mais abstrato que seja o processo pelo qual alcançamos a teoria, guarda um vínculo com estas formas instintivas e vivenciadas de pensamento. E isto é muito especialmente válido para a filosofia, caso consideremos que, desde Heráclito, seu objeto é ‘aquilo que é compartilhado por todos os homens’. Seu objeto, eu ainda diria, é freqüentemente compartilhado por todos os seres vivos e, quem sabe, por todos os seres existentes ou, ao menos, simplesmente possíveis.

O caráter abstrato da filosofia é um recurso para generalizar certas questões comuns a tudo que é. Aquilo que a filosofia faz em abstrato, eu diria, a poesia faz concretamente! Não há, pois, incompatibilidade alguma entre o concreto do cotidiano e o abstrato da mais abstrata filosofia.

Para completar a resposta à sua pergunta, eu diria que a filosofia pode, sim, contribuir para esclarecer situações vividas por nós, desde que estejamos dispostos a admirar o que se encontra no cotidiano, levarmos adiante as famosas perguntas sobre o ‘por quê?’ pela qual, numa certa idade as crianças começam a representar o mundo e a procurar compreendê-lo! Devemos sempre nascer de novo e admirar o dia que está surgindo.

Kínesis: *Em quais pontos precisamente a Filosofia o ajudou a avançar em sua questão sobre o processo de tomada de decisão?*

L.F.B.S: Esta questão leva-me a desenvolver um exemplo do que procurei falar aqui: decidimos constantemente em nossas vidas. Muitas vezes pensamos bastante antes de tomar uma decisão; outras vezes decidimos sem quase pensar! Caso tomarmos o exemplo que eu apresentei na resposta à primeira pergunta, podemos imaginar que, numa situação normal, o médico só procede cirurgicamente após uma deliberação tomada com cautela e depois de ter estudado o caso e examinado o paciente. Exige para a cirurgia, condições de higiene da sala cirúrgica, a presença de uma equipe competente, a adequada preparação do paciente etc. Tudo isto posto, ele decide operar e ‘efetivamente’ faz a incisão e opera! E, note-se que não é recomendável que um pai faça a cirurgia em seu filho. O aconselhável é que se procure um outro cirurgião para que não haja um envolvimento emocional que possa vir a interferir num procedimento tão delicado. Certamente, cumpridas todas essas exigências, sua decisão de proceder a um ato cirúrgico, não me teria chamado à atenção.

Aquelas condições excepcionais nas quais ocorreu o ato cirúrgico narrado na primeira resposta é que, desde garoto, deixou-me intrigado e se tornou um objeto de investigação para toda a vida. Decide-se mesmo sem se ter consciência do que se deve fazer? Para o que serve conhecer, se nossas decisões

parecem se fazer com ou sem conhecimento prévio, com ou sem reflexão sobre o que fazer? Perguntas desta ordem foram sempre me acompanhando.

Como já narrei, não fui direto para a filosofia, pois durante muitos anos sequer sabia o que se estudava nesta área do conhecimento. Meu interesse por estas questões voltaram a me ocupar de tempos em tempos. Lembro da experiência que tive ao ver o início do trabalho de um calígrafo japonês: uma folha de papel de arroz em branco, uma pedra de nanquim, um potinho de água e um pincel de pelos longos e macios. Molha-se o pincel na água, faz-se um gesto rápido que retira o excesso de água dos pelos do pincel, de modo a se juntarem formando uma pontinha. Passa-se o pincel na pedra de nanquim e pouco dela se dilui na água do pincel. Segurando o pincel na vertical com três dedos e sem encostar o cotovelo na mesa deve, então, o calígrafo se concentrar tranquilamente. Somente então ele rompe a brancura do papel com um traço, leve, firme e rápido e traça o ideograma! Constitui-se numa pura decisão de dimensões cósmicas: o branco originário do papel é definitivamente, num jogo de tudo ou nada, rompido pela letra que é uma palavra. Assim, ao longo de minha vida, fui fazendo experiências e admirando os homens no ato de decidir.

Se a filosofia me auxiliou? Auxiliou muito, sobretudo me permitindo, através de diversos pensadores, construir conceitos sobre o tema e refletir, junto com o pensamento crítico, e entrar no domínio da possibilidade de se conhecer e de se decidir. Aprendi com Kant, sobretudo, que mais importante são as questões que colocamos do que as respostas que obtemos.

Também me auxiliaram os estudos de semiótica como lógica proposta por Charles Sanders Peirce, em seus últimos anos de vida e, em especial, os grafos existenciais. Em primeiro lugar, o extremo rigor do pensamento de Peirce. Em segundo lugar, o fato dele ter, com a semiótica, inserido a lógica num contexto fenomenológico e com isto ter dado acesso desde nossos mais tênues sentimentos até as mais complexas argumentações no interior de um pensamento sistemático. Em terceiro, por colocar integralmente este pensamento como mediação entre uma origem de pura admiração e a efetivação de uma conduta ética. Com isto, não se punha mais em pauta uma confusão de domínios entre a sensibilidade, a vontade – fonte das decisões últimas – a lógica com representação e conselho para uma ação futura. As três juntas, mas cada uma exercendo seu papel específico, colaboram para a formação de hábitos de conduta que nos disponibilizam agir adequadamente quer possamos meditar tranquilamente antes de agirmos, quer tenhamos que proceder mesmo inconscientemente.

E os grafos, por quê? Pois traçam, como mediadores da história ou da arqueologia de nosso processo de pensar, num diálogo profundo conosco mesmo ou com quem queira conosco ir construindo no papel ou no computador, nossas seqüências de observações do que já foi construído e da decisão do que propomos, segundo as regras de construção, que seja construído.

Kínesis: *O Sr. escreve que os grafos traçam, como mediadores da história ou da arqueologia de nosso processo de pensar, num diálogo profundo conosco mesmo*

ou [com] quem queira conosco ir construindo, no papel ou no computador, nossas seqüências de observação do que já foi construído e decisão do que propomos, segundo as regras de construção, que seja construído... posso daí deduzir que os grafos indicam a maneira que pensamos? Neste sentido, parece-me que tracá-los indicaria o modo que operamos/pensamentos.

L.F.B.S: Os grafos são, para cada proposição feita originalmente, o registro de nossas intervenções para explicitá-la. Estes registros vão sendo deixados no papel e podem ser rastreados até sua origem.

Kínesis: *Na palestra proferida pelo senhor no dia 17 de outubro de 2008 na UNIVEM – Centro Universitário Eurípedes de Marília, cujo tema era sobre as possíveis relações entre os pensamentos de Peirce e Habermas, o senhor disse que o contexto no qual Peirce lecionava e desenvolvia seu pensamento era o mesmo contexto ilustrado pelo filme Gangues de NY (Gangs of New York, EUA, 2001, direção de Martin Scorsese). Neste contexto, o que Peirce buscava era dar conta da situação dramática de vida na qual estava envolvido. Nesta mesma ocasião, ao final de sua fala, o professor Oswaldo Giacóia disse que a época que foi seu aluno ‘era uma época em que os amigos saíam de casa e não sabiam se iriam voltar...’ numa referência à ditadura militar. Como o senhor descreveria o cenário e o contexto em que se estuda e leciona filosofia atualmente?*

L.F.B.S: Parece-me que a resposta que poderia dar a esta sua questão viria reforçar as considerações que fiz de início: o pensamento cresce e com ele a filosofia, na medida em que é instigado por situações concretas que exigem um especial esforço de, ao menos, um grupo de pessoas. Pensar dá muito trabalho e, diria, ninguém pensa a toa! Platão pensou – e quanto pensou! – por ocasião da derrocada da democracia ateniense e, em especial, com o julgamento, a condenação e a morte de Sócrates.

A decadência do Antigo Regime na França, na segunda metade do século XVIII, a revolução que se seguiu, seus ideais seguidos do terror, a subida de Napoleão, a expansão imperial da França e a queda das outras monarquias – salvo a Inglesa e a Portuguesa, a ela atrelada – deu lugar, por exemplo, ao vicejar do pensamento alemão do qual, em grande parte, somos ainda herdeiros. A formação da nação norte americana desde o final do século XXIII, mas que avança até, no mínimo, ao final da Guerra da Secessão, exigiu que se repensassem múltiplas relações de âmbito social. No seio deste esforço tem, então, lugar o surgimento da proposta pragmatista. Foi necessário libertar o pensamento americano do peso da tradição colonial, carregada de preconceitos. Era necessário vencer as idiosincrasias e, igualmente, avançar econômica, política e culturalmente, rumo às pradarias e, finalmente ao oeste. A proposta pragmatista de não mais procurar a sede da verdade numa pretensa origem transcendental, mas num fim que se pretende alcançável, embora sempre de maneira falível. Procurá-la, todos juntos, sem distinção de raça, credo etc., foi

uma resposta buscada por jovens intelectuais formados em Harvard e que, tanto era válida, que teve imediata repercussão não somente nos meios acadêmicos americanos, mas em vários outros lugares do mundo. Esta repercussão, por exemplo, logo se deu na Itália, também, a duras penas, na luta para sua unificação.

Se partirmos daí, talvez pudéssemos reconhecer nos difíceis anos vividos no Brasil desde 1964, mas em especial nos anos de 68 e 69 e nos primeiros anos da década de 70. Que não se esqueçam também que nos anos de 68 e 69 deu-se no mundo todo o grande movimento de contestação da Universidade em sua forma autoritária e que, pela tomada do poder acadêmico pelos estudantes, desde Paris chega entre nós no Brasil, um outro tipo de ensino, muito mais participativo e crítico. Se, após 69, a repressão se encrudeleceu na nossa universidade e se impôs este modelo de ensino-negócio lucrativo, vestibular com cruzinhas etc., antes disto e, mesmo paralelamente a isto, alunos e professores voltaram-se aos textos originais dos autores e procederam a profundas leituras críticas. Nada foi fácil e seus resultados só podem ser avaliados a partir dos dias de hoje. Mas que os momentos de crise são, como a própria palavra diz, momentos de decisão, não há dúvida! Momentos em que se lançam os dados para o futuro.

Kínesis: *parece-me que o pragmatismo está ligado fortemente a história de formação dos EUA. Neste sentido, o que o senhor tem a dizer sobre a eleição de Barak Obama? Sua vitória tem algum reflexo deste contexto pragmático que o Sr. traçou na resposta anterior?*

L.F.B.S: Não pretendo fazer extrapolações precipitadas. Posso lhe dizer que, a meu ver, a eleição de Barack Obama acompanha a evolução da sociedade norte-americana quanto à extensão dos direitos civis. Admiro ele ser o quadragésimo quarto presidente norte americano e jurar a mesma constituição redigida e aprovada ainda no século XVIII, à qual foram somente acrescentadas dezessete emendas. Também não espero milagres ou qualquer mudança repentina na política interna ou externa dos Estados Unidos.

Kínesis: *Em uma resposta anterior o Sr. toca em um ponto delicado para a Filosofia da Mente que diz respeito à necessidade das representações mentais ao pensamento. Na resposta o Sr. afirma que “o pensamento cotidiano é inerente a própria vida e absolutamente necessário para que ela tenha lugar. Todo ser vivo, portanto, pensa!”. Mais adiante acrescenta que “...a filosofia pode sim contribuir para esclarecer situações vividas por nós, desde que estejamos dispostos a admirar o que se encontra no cotidiano, levarmos adiante as famosas perguntas sobre o ‘por quê?’ pela qual, numa certa idade as crianças começam a representar o mundo e procurar compreendê-lo!”. Parece-me que o Sr. está associando a capacidade de compreensão do mundo a de*

representá-lo. Neste sentido, afirmar que todo ser vivo pensa é afirmar que todo ser vivo representa?

L.F.B.S: Há certamente vários processos de interpretação determinantes de nossa conduta que não necessitam propriamente representar: há dimensões fundamentais de sintonia com o meio sem mesmo haver distinção entre o outro e o *self*. Aliás, segundo Winnicott, sequer havendo um *self* mas uma profunda unidade mãe-bebê ou, mais tarde, processos regressivos de volta a estas situações originárias, o afeto e o pensamento se desenvolvem. Há também processo de ação e reação que não exige a mediação da representação. Mas a busca de constituir um mundo para si, creio que supõe, entre a sintonia e a interação, formas de representação. As fases dos porquês são uma busca de formar *representamens* e de constituir objetos e de conceituá-los. Nossas outras interações e vivências do real não cessam por causa desta fase do porquê, mas com ele convivem.

Kínesis: *Vamos mudar um pouco o tema da entrevista. Recentemente as tentativas de explicar a ação por parte da ciência cognitiva tomaram um outro rumo com a inclusão do conceito de informação. Tal guinada, parece-me, é resultado da possibilidade de haver no conceito de informação a possibilidade de incluir a dimensão do significado. O Sr. apresentou uma conferência no CLE/Unicamp, no final de 2008, sobre alguns estudos do conceito de informação por parte de Peirce. Sabemos que Peirce é muito estudado nas ciências da comunicação devido seus trabalhos em semiótica. Sendo assim, o que podemos entender por informação segundo Peirce e qual a distinção entre informação e semiose ou mesmo processo informativo e processo semiótico?*

L.F.B.S: Para uma exposição mais minuciosa do que vem a ser informação para Peirce, o melhor é ver meu artigo na última *Cognitio*. Mas para ser breve posso lhe lembrar que informação $I = N \log h$, proposta, caso não esteja enganado, por Shannon é muito posterior a Peirce e nada tem a ver com ele. Informação para Peirce é o produto da profundidade (depth) x extensão (breadth) de um conceito ou, mais em geral, de um termo. Estado de informação é o quanto de um conceito pode-se conhecer. Caso o multiplicando ou o multiplicador for zero, a informação é nula. Caso a informação forneça a definição e somente a definição, a informação é chamada informação essencial. Caso a informação forneça todo o predicado que pertença existencialmente ao sujeito, a informação será substancial. Os demais casos constituirão estados de informação – maior ou menor informação do conceito ou termo a quem a ele se atribuírem. O conceito de informação inserido no contexto semiótico irá definir os signos dicentes os quais serão compostos de, no mínimo, um signo icônico remático, que diz o quê do objeto eu conheço, ou seja, a profundidade do conceito ou do termo e um signo indicativo remático, que designa o sujeito de atribuição do predicado – extensão do conceito ou do termo e, finalmente, SINTAXE unindo os dois signos,

produzindo então um interpretante de existência e, portanto, o estado de informação do conceito ou do termo. Esta é, em breves palavras, a resposta que posso lhe dar.

Kínesis: *O uso que Peirce faz do conceito de informação parece-me que está relacionado com o de conhecimento, ou com o quanto podemos conhecer de um objeto ou conceito. No entanto, há um entendimento alternativo do conceito de informação que a concebe como uma entidade fundamental do universo, com estatuto ontológico próprio, independente da matéria e energia, chamado de Realismo Informacional. O biólogo americano Tom Stonier e o filósofo brasileiro Renato Schaeffer são exemplos de propagadores deste entendimento. Segundo o Realismo Informacional, a organização que os objetos apresentam não poderia ser explicada apenas recorrendo à matéria e à energia. Seria preciso uma outra entidade, os ínfons, responsável justamente pela organização presente no universo. Assim, tudo que apresentasse organização, seria composto de matéria, energia e informação. Por outro lado, uma das afirmações bastante difundidas por Peirce, porém controversa, segundo Santaella (Cognitio, v.8, N.1, 2007; p.143), é a de que "todo universo está permeado de signos, se é que ele não seja composto exclusivamente de signos". O senhor concorda com esta afirmação de Peirce? E, qual a pertinência de substituirmos na frase anterior o conceito de signo pelo de informação recorrendo ao entendimento de informação do realismo informacional?*

L.F.B.S: Fazer estas extrapolações, poderia gerar uma imensa confusão! Eu preferi lhe responder de um modo rigoroso a partir de levantamentos cuidadosamente feitos na obra de Peirce. Que o universo seja contínuo e em evolução, triádico, pois determinado pelo princípio universal da aquisição de hábitos, parece-me ser a hipótese a que chega Peirce em sua cosmologia. Ser genuinamente triádico, permitiria dizer que ele é totalmente permeado por signos.

Kínesis: *Para finalizarmos a entrevista, gostaria que contasse um pouco sobre a história de formação da nossa pós-graduação em filosofia, uma vez que, o Sr. teve um importante papel neste processo de formação.*

L.F.B.S: Meu empenho para que tivéssemos e mantivéssemos uma pós-graduação em filosofia sempre decorreu do fato que o corpo docente, tendo obtido sua titulação, deve propiciar aos outros que também a obtenham. Sempre me pareceu que o departamento e aqueles que com ele colaboram, devam se esforçar para manter simultaneamente um bom curso de graduação com bacharelado e licenciatura; publicações periódicas com sua produção acadêmica – e este é, entre outros, o caso da revista Trans/form/ação – e um programa de pós-graduação que possa conferir título de mestre e doutor e incentive a produção de pesquisa e de publicações. A situação sempre difícil

de se manter um corpo docente estável e titulado fez com que os três empreendimentos se fizessem com muito esforço! Contudo, no momento presente, somente o doutorado não nos foi possível instalar. De resto, os trabalhos estão sendo realizados e justificam plenamente nossa presença na UNESP e em Marília.

Um abraço, Lauro.